

**A IGREJA E A FILOSOFIA**

**NO BRASIL COLONIAL**

Jonhn Leno Mariano de Lima1

1ICHCA/Filosofia

Universidade Federal de Alagoas/ ICHCA/ Ac. Simões/Maceió/Alagoas

jonhn.lima@ichca.ufal.br

**Resumo**

*No período colonial, a filosofia se faz presente em dois momentos correlacionados. O primeiro momento é quando os jesuítas, conhecidos como “os soldados de Deus”, vêm para o Brasil no ano de 1549 com a orientação de Manoel de Nóbrega. No segundo momento, com o desenvolvimento do conhecimento propriamente dito, que é também quando se eleva a utilização da filosofia, deixando de ser apenas um instrumento de persuasão e passando a ser uma disciplina de fato, fazendo parte de currículo dos filhos da elite colonial. Frente a isso, pode ser questionado se de fato houve a entrada da filosofia no período colonial ou se havia apenas a presença da teologia ou, ainda, se seriam os jesuítas apenas sofistas.*

**Palavras-chave**:*período colonial. jesuítas. filosofia. persuasão. conhecimento.*

**Abstract**

*In the colonial period, the presence of philosophy can be noticed in two correlated moments. The first moment is when the Jesuits, known as the “soldiers of God”, come to Brazil in the year of 1549 with the guidance of Manoel de Nóbrega. The second moment is with the development of the knowledge itself, that is also when the use of philosophy is emphasized, being not only an instrument of persuasion but also a discipline itself, making part of the curriculum of the children of the colonial elite. Given that scenario, one could ask whether there was a specific entry of philosophy in the colonial period or if it represented only the presence of theology. Moreover, one could also consider if the Jesuits were only sophists.*

**Key-words:**  *colonial period. the jesuits. philosophy. persuasion. knowledge.*

* **Introdução**

A influência da Igreja Católica no ensino da filosofia no Brasil é algo bastante familiarizado por alguns dos leitores, mas a grande questão é o que havia por trás desse acontecimento. O feito neste texto será a ministração do conteúdo. Podemos perceber a presença da filosofia no período colonial em dois momentos distintos. Em um primeiro momento, a filosofia era apenas um instrumento que foi utilizado para persuadir os índios para a catequização, e, em outro momento, a filosofia era ministrada de fato para os filhos da elite colonial que continuaria os seus estudos na europa orientado pela *Ratio Studiorum[[1]](#footnote-0).* Ao passo que a filosofia estaria mesmo presente nesses dois momentos, respectivamente, ou poderia ser um sofismo, bem como uma abordagem teológica apenas. A cada apresentação, será abordado tal questionamento, i.e, no primeiro momento, será analisado se houve uma abordagem filosófica ou um sofismo disfarçado. E em segundo momento, será analisado se por acaso ocorreu a entrada da filosofia como disciplina ou filosofia ministrada tal como se fazia com a teologia.

* **Primeiro momento: Os soldados de Deus usam a “espada” filosófica**

Para entendermos bem “os soldados de Deus” e sua a função, devemos reviver um pouco a história do Brasil Colonial e em tal período deve-se entender que o país não era dito muito valioso. Segundo os historiadores Gilberto Cotrim e Boris Fausto, que nos diz respectivamente:

Pouco disposto a investir muitos recursos econômicos na colonização do Brasil, o governo português decidiu, de início, transferir essa tarefa para a iniciativa particular… a divisão do território brasileiro em grandes porções de terra … e entregou as pessoas que se habilitaram ao empreendimento: os capitães ou donatários… com a sua morte, a administração passava para seus descendentes. (COTRIM, 2005, p. 201).

Nos primeiros tempos, os portugueses estavam mais interessados no comércio com a Índia e pensaram no Brasil como uma espécie de ponto de parada nessa rota … os donatários de capitanias tinham poderes no papel, mas estavam limitados por muitas dificuldades, e precisam enfrentar uma série de problemas (FAUSTO, 2002, p.11).

Seguindo a perspectiva de que o Brasil estava passando por uma forte pressão, pois deveria o mesmo, como colônia, trazer lucros cada vez maiores para a coroa e tais lucros não estavam aparecendo, ocorrendo apenas declínio ora por causa da pressão europeia na corrida imperialista, que subjugou a coroa portuguesa, ora devido pelos conflitos contra os indígenas, além da derrocada do sistema de capitanias hereditárias.

Com a intenção de conseguir os lucros que tanto anseiam utilizaram como estratégia uma nova forma de governo, chamada governo-geral, que seria responsável pela administração portuguesa da colônia. Justamente nesse período que os instrutores religiosos vieram para o Brasil colônia, os primeiros professores da iniciada colônia de Portugal.

Ao primeiro governo-geral de Tomé de Souza vieram com ele os seis jesuítas, “os soldados de Deus”, que foram os pioneiros na alfabetização e catequização dos indígenas. Em tais questões foram responsáveis diretos, junto dos soldados da coroa pela colonização. As funções de cada soldado pode ser representada no seguinte esquema:



Soldados Civis Soldados de Deus

**↓** **↓**

 **colonizar colonizar**

**↓** **↓**

pela força bruta pela persuasão

Em relação às funções de cada soldado que executava suas tarefas em prol de um objetivo comum: o de conquistar os indígenas. Os jesuítas, desde logo, realizando uma hegemonia por meio da religião. E para a concretização do objetivo dos “soldados de Deus” utilizaram a ferramenta da filosofia visando a persuasão dos indígenas ou gentis. Podemos, outrora, nos questionar se de fato os jesuítas estavam utilizando da filosofia ou deveriam os mesmos serem tratados como sofistas — no sentido pejorativo—.?

Para abordamos tal questão, devemos nos situar em quesito básico que até nos dias atuais é problemático. O que seria essa tal filosofia? Dependendo da “ótica” a qual estaremos nos situando e em qual conceito estamos nos baseando para a compreensão do que seria a filosofia na época, poderíamos recorrer à grande questão que percorria nos tempos do séc XV ao séc XVI e que percorria o pensamento aristotélico, e a tal pensamento se utilizou como base para argumentar e convencer alguém; mesmo aqueles que não conheciam as obras aristotélicas, pois serviram apenas como ferramentas para persuadir os ouvintes, na medida que são criadas formas de utilização em benefício próprio.

Ademais os jesuítas estavam como resposta da Igreja Católica para a Reforma Protestante ocorrendo nesse período e “caráter filosófico da renovação do aristotelismo no século XVI é a exigência de rigor na fidelidade a Aristóteles, cujo pensamento fora considerado falseado pelas interpretações e interpolações nas sucessivas transmissões, recepções e adaptações do corpus aristotélico.” (CERQUEIRA, 2011, p. 164). Estando ciente, ora, que a utilização do pensamento aristotélico com o intuito bastante marcante em prol exclusivo de uma persuasão massiva na tentativa explícita de uma conversão radical ao cristianismo. E para tal ação, Sofia Lerche Vieira nos diz, em seu livro sobre — Política educacional no Brasil: “A primeira delas orienta-se pelo plano de estudos concebido por Manoel de Nóbrega, sendo voltada para o ensino de primeira letras, a catequese, a música e alguma iniciação profissional.” (VIEIRA, 2011, p.42).

 Mediante a instrução ora da alfabetização, ora da catequese, os jesuítas ao longo do tempo com muitas dificuldades e conflitos conseguiram persuadir alguns indígenas para a religião cristã, tornando-se agora servos de Deus, pois sabia-se que os mesmos possuíam almas e, portanto precisavam servir a Deus e a Coroa.

 Realizando uma breve recapitulação, percebemos que os jesuítas vieram de fato com um objetivo em paralelo com os soldados da coroa, mudando apenas a forma de atuação. E os jesuítas ao utilizarem da persuasão recorrem ao aristotelismo e não as obras sofistas. Podemos afirmar ao percebermos os seguintes pontos: 1. os mesmos estavam seguindo uma ordem clara que era o de catequizar (fé e razão) os índios; 2. os jesuítas seguiam bastante as linhas dos filósofos medievais: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; 3. no século XV ao século XVI trabalhavam com a mesma linha filosófica que utilizavam como principal filósofo para estudo e elaboração do conhecimento o filósofo Aristóteles. Portanto, a filosofia era aplicada na construção do pensamento pré-catequizador até a catequização e não uma instrumentalização sofista baseada outrora em escritos condenados pelos próprios filósofos, devido muito aos severos ataques que o filósofo Platão fazia em suas obras, contra os sofistas.

Podemos, em suma, considerar que os jesuítas ao serem utilizados como instrumento persuasivo por meio das atribuições aristotélicas, utilizando a filosofia, nesse primeiro contato, como exclusivo instrumento persuasivo e não por meio de obras sofistas.

* **Segundo momento: os soldados de Deus utilizam lanças do *Ratio Studiorum***

No segundo momento podemos dizer, que certamente a filosofia se fez presente, pois a mesma era ministrada pelos jesuítas em seus colégios, mas devemos no ater com a seguinte questão: o ensinamento, de fato, era de uma filosofia ou seria uma teologia escolástica tardia ou período decadência?. A tal questão devemos, outrora, nos adentrar novamente ao mesmo período só que na Europa, para compreendermos como se deu sua influência, nos possibilitando, assim, perceber com mais clareza se ocorreu o ensino de uma filosofia ou teologia.

 Ressalvando, com um item anterior, podemos perceber que a questão é mais profunda, pois a construção de todo o pensamento que seria transportado de Portugal para o Brasil, por meio dos professores jesuítas realizou-se com uma construção que perpetuou—desde o primeiro-governo geral (1549) até a sua expulsão pelo Marquês de Pombal(1750/9)—, como uma força poderosa, porque eram eles os responsáveis pela persuasão do colonizados que possibilitou uma ampliação de **domínio** da Igreja Católica na américa portuguesa.

Antes de começarmos de fato a tratar dos **colégios jesuítas** é necessário, primeiramente, deixar o mais claro possível a filosofia em seu posicionamento nos famosos tempos obscuros, vulgarmente chamada de Idade das Trevas, o tempo medieval e sua filosofia denominada aristotélica tomista ou popularmente escolástica. E para tanto, chamarei novamente o Gilberto Cotrim em seu livro os fundamentos de filosofia que nos diz:

No período escolástico, a busca de harmonização entre a fé cristã e a razão manteve-se como problema básico de especulação filosófica. Nesse contexto, a escolástica pode ser dividida em três fases: **➱primeira fase** (do século IX ao fim do século XII) - confiança na perfeita harmonia entre fé e razão; **➱segunda fase** (do século XIII ao princípio do século XIV) - elaboração de grandes sistemas filosóficos, merecendo destaque as obras de **Tomás de Aquino**. Nessa fase, considera-se que a harmonização entre fé e razão pode ser parcialmente obtida; **➱terceira fase** (do século XIV até o século XVI) - decadência da escolástica, marcada por disputas que realçam as diferenças entre fé e razão. (COTRIM, 2010, p. 211) .

 A fase que nos interessa é a **terceira fase**, pois é o momento da decadência da escolástica juntamente com a disputa que estava ocorrendo juntamente com os escritos aristotélicos, em outras palavras, a fé e a razão estavam em disputas. Para retomamos o que é importante nessa discussão devemos nos adentrar também novamente ao artigo de Luiz Alberto Cerqueira que nos apresentar melhor algumas das disputas que acabaram surgindo ao longo do tempo e sua ligação com o sistema de ensino *Ratio Studiorum.* Pois bem, segundo o autor:

Nesse quadro merece destaque o português Pedro da Fonseca (1528- -1599), cuja obra mais importante pela extensão, construção e, sobretudo, pelas ideias novas são os Commentariorum in libros Metaphysicorum Aristotelis (Comentários à Metafísica de Aristóteles), realizados segundo o sistema escolástico das quaestiones, mas partindo do texto original estabelecido pelo próprio Fonseca. … Vale observar que entre as Regras do Professor de Filosofia na Ratio Studiorum encontramos a de nº 9, que recomenda o uso do manual de Fonseca no início do curso. Das suas obras conhecidas, temos ainda a Isagoge philosophica, uma introdução à Filosofia concebida para substituir a Isagoge de Porfírio, mediante um estudo sobre o conceito de universal acrescentado ao estudo dos cinco predicáveis (gênero, espécie, diferença, próprio e acidente) nas Categorias de Aristóteles. (CERQUEIRA, 2011, p. 166-167).

 Percebendo que a disputa estava ocorrendo em grande escala e continuou, segundo o autor, até a decadência do aristotelismo. Ainda segundo o mesmo:

A atitude que então se verifica é o ecletismo enquanto tentativa obstinada de conservar o sistema de ensino dos jesuítas, o que explica uma sobrevida da fidelidade a Aristóteles em face da introdução dos modernos conceitos de natureza e de método. A completa superação dessa resistência só se tornou possível mediante a assimilação da atitude iluminista. (CERQUEIRA, 2011, p. 170).

 Em outras palavras, a instrução dos jesuítas continuou utilizando as obras de Aristóteles e houve apenas uma superação em meados da atividade iluminista. Estando ciente disso, podemos continuar e abordar os colégios jesuítas influenciados pelo sistema *Ratio Studiorum*. Recorrendo, no presente momento, a entrada de textos que nos possibilite uma compreensão em meio a esse pequeno recorde. E para isso,utilizaremos os textos de Luiz Alberto Cerqueira e de Sofia Lerche Vieira .

Para tanto, comecemos com os textos de Luiz Cerqueira que diz: “… condições estabelecidas para o estudo filosófico em Portugal a partir do Colégio das Artes. Tais condições, sob a forma de recomendações estritas, se encontram na Ratio Studiorum principalmente nas Regras do Professor de Filosofia.”(Cerqueira, 2011, p.172). Além disso, “Nesse quadro, destacamos a obra do jesuíta Antônio Vieira (1608-1697), cuja formação se deu inteiramente no Brasil. Seus textos suscitam em nós o mais vivo interesse filosófico porque no estilo de criação da sua parenética, referido ao “barroco”, o conhecimento de si…”(Idem, 2011, p. 173).

Aquele velho e tão familiarizado **conhece a ti mesmo**, que talvez seja até responsável pela nossas escolhas acadêmicas (filosofia, teologia, história …), pois bem é atribuído a ela, uma das primeiras correntes filosóficas, de fato, construída em nosso território, não apenas e meramente uma filosofia portuguesa, mas uma filosofia dita e cujo precedentes poderiam exercer uma determinada influência em **nossa** construção de **pensamento**, o autor ainda diz: “É deste ponto de vista que consideramos justificável o conceito de filosofia luso-brasileira: … senão como uma abertura nesse universo fechado… ”(IDEM, 2011, p. 173).

Antes de retomamos o ponto da filosofia luso-brasileira, teremos que trazer a tona um outro contexto que são os colégios jesuítas, e para isso devemos recorrer a autora Sônia Vieira que nos diz o seguinte:

Os colégios jesuíticos representam a principal instituição de formação da elite colonial … é marcada pela rigidez nas formas de pensar e de interpretar a realidade e por forte censura sobre livros. O objetivo desta educação é, sobretudo, religioso … Tanto nos cursos inferiores (humanidades), como nos cursos superiores (filosofia e teologia), o método adotado é o da imitação … em direção contrária ao que ocorre em outros países europeus, Espanha e Portugal, partidários da Contra-Reforma, acabam por manter-se à margem … (VIEIRA, 2011, p.44).

Lembremos o que apresentamos anteriormente: a europa estava em um movimento grande, estamos falando da terceira fase da escolástica, ou seja, as disputas entre fé e razão, bem como a decadência da fase. E o surgimento do “renascimento”. Mas em relação ao conhecimento, as situações mudam um pouco de horizonte, quando falamos de colônias. Percebendo que os jesuítas e seus colégios, foram responsáveis direto pela formação das pessoas aqui na colônia, no Brasil Colônia. As coisas mudaram um pouco com a “decisão de Sebastião José de Carvalho e Meio, Marquês de Pombal, ministro do Rei D. José … os jesuítas são expulsos cerca de duzentos anos depois de sua chegada (1759) …” Vieira (2011, p.45). Depois lembrete com um voz de observação, prosseguirmos com Luiz Cerqueira com intuito de apresentarmos como se deu a participação dos jesuítas em relação a filosofia no segundo momento, o famoso Padre Antônio Vieira e seus sermões. Sobre essa questão o autor nos diz:

Como expressão do barroco, o estilo de Vieira consiste tanto em sua técnica exemplar de construir o discurso mediante a interpretação do sentido das palavras, fazendo distinções conceituais, quanto pelo fato de que tais distinções não são procedimentos formais, senão o artifício arrevesado de inculcar princípios universais por meio de uma simples imagem suscitada por figuras de linguagem, especialmente a metáfora… (IDEM, 2011, p. 173).

As contribuições que o jesuíta Antônio Vieira realizou foram vastas, com a utilização da filosofia em meio aos seus sermões (discursos, aulas, críticas, etc...), afirmado por Cerqueira (2011, p.173) que diz: “A fonte de pesquisa para os argumentos de Vieira é a lógica tópica dos filósofos jesuítas do século XVI, como Francisco de Toledo e Pedro da Fonseca, o qual observa, no lugar das causas, que à forma ou essência do ofício é inerente uma certa matéria…”

Isto é, percebemos que a construção dos argumentos (premissas + conclusão) feitos pelos jesuítas mediante os seus conhecimentos em lógica, os quais utilizavam para convencimento, bem como os recursos linguísticos, p.ex: a metáfora, caracterizando assim, o período de filosofia luso-brasileira. Reconhecendo segundo, ainda, o autor podemos dizer que conhecer a si mesmo, ou seja, possuir “o princípio de si”, é dito, “como um conhecimento” (CERQUEIRA, 2011, p.173-174).

Podemos discordar do argumento acima e dizer que os jesuítas neste momento não utilizaram da filosofia como instrumento. Não desejando firmar uma discussão sobre a **Filosofia Cristã** aqui no Brasil e sim fazendo um ressalve dos instrumentos pelos quais os até então ditos professores de filosofia, os jesuítas, ministravam seus conteúdos. Faziam os mesmos uma dita ministração de conteúdos filosóficos ou estaria a filosofia disfarçada apenas em um manto teológico.

Pois bem, devemos deixar bem claros alguns pontos que são: A. a **Filosofia** é caracterizado, geralmente, como um mecanismo de investigação séria e que busca conhecer as coisas em **verdades** gerando como consequência o **conhecimento**. Mesmo sendo uma caracterização um tanto esdrúxula, é útil, neste trabalho introdutório. B. tomemos que a **Teologia** é geralmente associada às questões transcendentais, especificamente a busca por Deus. Outra caracterização esdrúxula, eu sei, que ambas as caracterizações não conseguem ao menos descrever, em breves resumos que seja, todos os campos que percorrem os campos de estudos e de responsabilidades. Ressalvando, novamente, as caracterizações postas aqui são bem breves e estão sendo realizadas voltadas, exclusivamente, para a hipótese levantada.

 De acordo com os critérios que podem ser: teoria do conhecimento, até mesmo a definição ou o conceito, como dito no início do presente artigo, ao acompanhamos, deve se nota que o mesmo apresentou uma construção baseada nos fundamentos do século XIV - século XVI, em que a filosofia possuía correntes sólidas do pensamento aristotélicos e a influência que as obras tiveram para serem utilizadas aqui pelos jesuítas nos dois momentos descritos.

Mas também poderíamos dizer com todas as letras que os jesuítas quando chegaram ao Brasil não utilizaram a filosofia, se nos sujeitamos que a atribuição de quem utiliza a filosofia é somente só aqueles que a fazem mediante uma construção teórica e caso não realize o feito de tal construção, a filosofia em si não existe. Por isso, é importante aceita a caracterização feita anteriormente, poderíamos utilizar dicionários de filosofia ou teologia para descrevemos as mesmas ou se quiséssemos um trabalho mais minucioso e com um cunho mais investigativo, fato que demandaria bastante tempo e recursos, realizando como consequente um estudo mais sistematizado dos filósofos de forma temporal os quais influenciaram os conceitos (de filosofia, filósofo e o filosofar). Devemos, conquanto, continuar a análise de tal período com as atribuições referentes a Filosofia e a Teologia. Faremos uso agora de esquemas para simplificar a explicação, abaixo: 

 **Teologia** → Estudos → Argumentos → Conhecimento→ Verdade → **Deus**   **↓**  **Jesuítas** → Ferramenta → **Lógica** → Argumentos → Deus → Antônio Vieira

 ↓ ↓ 

Tomás de Aquino → **Filosofia** → Conhecimento→ **Verdade**

↓ ↑↓

**Aristóteles** → Platão → Sócrates → Conhecimento → Verdade → **A ti mesmo**

 Tomamos o esquema, percebemos relações direta entre a filosofia aristotélica e o pensamento de Tomás de Aquino. E vemos também como os jesuítas usam a ferramenta da lógica, a qual no presente momento estava em grande parte associada ao conhecimento, dando-lhe bases sólidas para receber garantia de verdade. Percebemos também como o princípio de conhecer a si, o mesmo imposto por Antônio Vieira, ocorreu anteriormente pelo próprio Sócrates, desde a Grécia Antiga.

 O esquema, apresentado, em si está claro o suficiente para visualizarmos sem grandes dificuldades a interligação entre as linhas de pensamento filosóficos e sua utilização para benefício dos jesuítas na formulação dos argumentos via lógica. Para solução da questão levantada anteriormente, ou seja, a questão da atuação ou não da filosofia. E a tal questão percebemos que se tratar de uma perspectiva um pouco injusta, pois a filosofia se vez presente no decorrer da formação, aplicação e construção do pensamento filosófico no Brasil, uma prova direta é a utilização da lógica na elaboração dos argumentos, os quais são necessários para provar a existência de Deus pela Teologia Cristã.

 Sendo assim, podemos compreender que o ensino filosófico ocorreu mediante aplicações aristotélicas por filósofos medievais, no período de colonização no Brasil. Se a filosofia tivesse sido disfarçada e abordada apenas como um ensino teológico o conhecimento estaria refém apenas dá **graça** e sendo adquirido mediante a **benção divina**. Mas podemos notar que a construção do saber, era dividido em etapas: a primeira: alfabetização, catequização, música e primeiras contas; a segunda: curso inferior - de humanidades; e na terceira: curso superior - filosofia e teologia.

 Portanto, os soldados de Deus lançaram-se no mundo (Brasil Colonial) educacional por meio da filosofia adentrando ao sistema conhecido como *Ratio Studiorum.* Mas acabaram por conquistar e convencer o gentio (indígena) e isso lhe trouxe grandes benefícios econômicos e até políticos de modo indireto. Tanto é que o motivo da expulsão dos jesuítas no Brasil, tem ligações mais políticas do que educacionais, segundo a Sônia Vieira que diz: “Porque pela persuasão haviam conquistado o gentio, chega uma hora em que bani-los do novo território é uma questão de sobrevivência política.” (VIEIRA, p.45, 2011).

* **Considerações finais:**

O presente trabalho, abordou dois momentos correlacionados no Brasil Colônia, por volta do século XVI - XVII, que apresentou o papel da filosofia nesses momentos. Em que aparentemente o primeiro momento é aquele que a filosofia é usada como um instrumento com propósito da persuasão dos indígenas para a religião cristã e no segundo momento a filosofia é dita como uma disciplina do curso superior, voltada para os filhos da elite colonial, em um sistema *Ratio Studiorum*.

Percebemos também como a Igreja e a Filosofia, **a fé e a razão**, partilharam de muitas disputas e um marco importante ocorreu na terceira fase da escolástica. No Brasil Colonial houve momentos cruciais em uma abordagem persuasiva por parte dos soldados de Deus, e violenta por parte dos soldados da coroa, e no segundo momento uma inversão de valores, pois agora era ministração para quem mandaria na terra. A filosofia esteve presente nesses dois momentos, não um sofismo nem tampouco uma teologia escolástica disfarçada de filosofia.

 Porém vimos, no modesto trabalho a essa temática, o quanto esse conteúdo é rico e quanto ainda precisamos investigar, sendo necessário mais pesquisas e mais elaborações a esse respeito, trazendo a tona um novo conceito a respeito de tal temática e vasculhando cada vez mais os contextos que estão por trás do pensamento filosófico no nosso território brasileiro, só compreendendo um pouco mais as nossas raízes, poderemos, finalmente, elaborar um conhecimento mais consistente, analisado, crítico e bem estruturado, o qual chamaremos de filosofia, genuinamente, brasileira.

 .

* **Referências:**

CERQUEIRA, Luiz Alberto. A Ideia de Filosofia no Brasil*.* In: **Revista Filosófica de Coimbr**a, n.39, 2011, pp. 163-192. Disponivel em <<http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_ideia_de_filosofia_no_brasil>> Acesso em 6 jul. 2011.

COTRIM, Gilberto. **História global**: História do Brasil| História Geral, São Paulo: Saraiva, 2011

 \_\_\_\_\_\_.; FERNANDES, M. **Fundamentos de filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2010

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2002.

VIEIRA, S. L.; FARIAS. I. M. S. **Política educacional no Brasil**: introdução histórica. 3ª ed.Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

1. Segundo Luiz Alberto Cerqueira, no artigo: *A Ideia de Filosofia no Brasil.* “O aristotelismo dos filósofos jesuítas no século XVI contém formalmente o aristotelismo discriminado nas Regras do Professor de Filosofia da Ratio Studiorum. Na história da filosofia no Brasil, o estudo desse aristotelismo é necessário para o conceito de filosofia “brasileira” no mesmo sentido em que se concebe, na história da filosofia ocidental, que a filosofia “moderna” emancipou o uso teórico da razão da tutela da teologia.”(CERQUEIRA, 2011, p.164). [↑](#footnote-ref-0)